

20 ANOS DE DESINTEGRAÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA EM RETROSPECTIVA HISTÓRIAS EM PRIMEIRA PESSOA

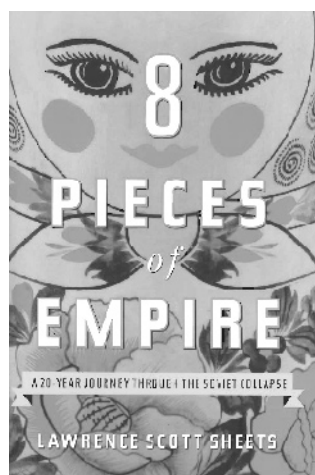
Licínia Simão

Laurence Sheets viveu na União Soviética (e nas repúblicas independentes que dela emergiram), entre 1989 e 2008. Primeiro como estudante de língua russa em São Petersburgo (então Leninegrado) e depois como correspondente da Reuters no Cáucaso e como correspondente em Moscovo para a National Public Radio. Este enquadramento profissional do autor é fundamental para perceber o tipo de narrativa desta obra e a perspetiva que ela nos traz sobre os momentos finais da União Soviética e os vinte anos que se seguiram. O autor não é um académico e esta obra não tem pretensões de ser uma análise teórica deste processo de desintegração violenta. Pelo contrário, o que Sheets faz é apresentar-nos, de uma forma profundamente humana, a história do fim da URSS e os processos de ajustamento ao fim do império soviético e à nova realidade de uma independência convulsa. Como o próprio autor reconhece, «as vidas pessoais e as situações explosivas que foram afetadas pela fragmentação [do império] são o objeto central deste livro» (p. XV).

LAURENCE S. SHEETS

Eight Pieces of Empire

Nova York,
Crown Publishing,
2011, 318 páginas



A obra está dividida em oito capítulos, apresentando fragmentos da desintegração do império. O primeiro é dedicado a Leninegrado, entre 1989-1991, e mostra-nos o impacto da abertura da URSS e do desmoronar dos sistemas de controlo e proteção social (os problemas de alcoolismo nos homens e o regresso da religião para as mulheres). O segundo trata o deflagrar das guerras separatistas na

Geórgia (1992-1996). O terceiro e o quarto lidam com o conflito de Nagorno-Karabakh (1993-1996) e a primeira e a segunda guerra na Tchechénia (1993-2004), respetivamente. O capítulo cinco é dedicado à Rússia. Centra-se na questão da família Romanov e nas relações entre os serviços secretos, KGB (agora FSB), e a Igreja Ortodoxa. O sexto capítulo é dedicado ao Uzbequistão e à guerra no Afeganistão, no contexto da luta contra o terrorismo. O sétimo é dedicado às revoluções coloridas e à tragédia de Beslan, bem como a outras histórias avulsas sobre a vida no espaço pós-soviético. E o último capítulo completa a viagem do livro (e do autor) fazendo-o regressar a São Petersburgo, onde tudo começou.

HISTÓRIAS NA PRIMEIRA PESSOA

A mais-valia desta obra é exatamente a narrativa na primeira pessoa. Sheets escreve sobre as situações que acompanhou como estudante e como repórter, deixando os enquadramentos históricos dos acontecimentos num mínimo absoluto. Aliás, este pode ser um obstáculo a uma compreensão mais ampla dos processos de desintegração do império, ainda em marcha, para aqueles que não acompanhem com regularidade a região. Para os que o fazem, este livro acrescenta detalhe e colorido aos últimos vinte anos de história no espaço pós-soviético. Em alguns momentos o livro mostra-nos um lado mais humano e menos conhecido desta história. Através da história de Vova, o *racketeer*, cuja adaptação ao fim do controlo absoluto do partido à vida económica da União Soviética e a corrupção rompante

que acompanhou os últimos anos da URSS, o levou a procurar lucros fáceis no submundo do crime organizado. O relativismo moral que acompanhou o colapso da União Soviética é frequentemente esquecido e a condenação destas práticas tornou-se óbvia segundo os padrões do Estado de direito ocidental. Contudo, no período de grande incerteza e abertura, entre 1989 e 1991, a necessidade de sobreviver e a possibilidade de prosperar tornou-se uma justificação forte para operar à margem da lei da nação. Sheets coloca esta tensão da seguinte forma: «o eclipse do império soviético refletiu-se num espelho torto, onde a escuridão fez sombra à luz, o paraíso era uma fraude – e o inferno era visível em todo o lado» (p. 44).

Outros exemplos abundam. A história da «guerra que ninguém começou», entre a Abcásia e a Geórgia, em que Sheets acompanha a descida de uma das repúblicas mais prósperas da União Soviética numa espiral de violência e destruição que tornou a Geórgia num Estado falhado durante a década de 1990. O autor é particularmente sensível ao papel de Shevardnadze, «o senhor que terminou a Guerra Fria», neste processo. Ao acompanhar os últimos dias antes de as forças abcásicas tomarem Sukhumi, Laurence Sheets descreve-nos uma série de perspetivas justapostas e por vezes incongruentes (refletindo a própria realidade desta guerra): Shevardnadze apelando aos georgianos para que sigam para a frente de guerra, os jornalistas que, não conseguindo reportar o que veem por falta de comunicação com o exterior, ficam servindo de testemunhas de uma guerra total. Ao mesmo tempo, o mundo está absorto

na realidade do colapso súbito da URSS e ainda não se mentalizou para a necessidade de gerir estes conflitos (ainda hoje parece não o ter feito).

O outro exemplo mais forte da profunda humanidade desta narrativa é a cobertura da Guerra da Tchechénia e da devastação total da vida nesta república do Cáucaso do Norte. Sheets acompanha-nos ao longo do escalar da luta separatista da Tchechénia e a emergência do comandante Shamil Basaev e das suas táticas radicais violentas, envolvendo a tomada de reféns e exigindo que Moscovo reconhecesse a independência tchechena (anos mais tarde, em 2004, Sheets vai reportar sobre a tomada de reféns em Beslan, num momento que o autor reconhece ter sido pessoalmente muito difícil de gerir e que contribuiu em muito para a decisão de terminar a sua atividade como jornalista. Sheets é hoje o responsável do International Crisis Group pelo Cáucaso do Sul). A sua descrição dos acontecimentos na Tchechénia (e nos outros conflitos que foi acompanhando) serve para despoletar uma reflexão sobre o papel dos jornalistas e a sua segurança nestes contextos de violência generalizada. Segundo o Comité para a Proteção dos Jornalistas¹, entre 1992 e 2012, a Rússia esteve sempre no top 10 dos países onde morrem mais jornalistas, à exceção de 1992, 1997 e 2010, com mais de 80 jornalistas a perderem a vida, neste período. A Rússia é também o terceiro país onde morreram mais jornalistas em situações de combate ou devido a fogo cruzado, no mesmo período de tempo, com 12 jornalistas a perderem a vida nesta situação. Em 1995, ano em que a primeira guerra da

Tchechénia estava em plena força (1994-1996), morreram cinco jornalistas na Rússia em situações de combate. Muitos dos companheiros de trabalho de Sheets acabariam por perder a vida em missões noutros conflitos, numa amálgama entre o cumprimento do dever e luxúria pela adrenalina do trabalho em contextos de ação.

TERRORISMO E A GUERRA NO AFGANISTÃO

O livro aborda ainda a guerra contra o terrorismo e o início do conflito no Afeganistão. O impacto da presença norte-americana na Ásia Central, contudo, é limitado ao caso uzbeque e o autor não trata as restantes ex-repúblicas, o que acaba por ser redutor da realidade social desta região. Para além das descrições da prática de tortura pelo regime uzbeque do Presidente Islam Karimov, Sheets concentra-se no conflito afegão e a sua narrativa acaba por perder de vista as personagens únicas que o acompanharam no início do livro. A sua abordagem do conflito de Nagorno-Karabakh, entre a Arménia e o Azerbaijão acaba por ser também mais superficial do que a da Geórgia e dos conflitos no Cáucaso do Norte. Um apontamento relevante é a questão da «democracia oriental», que ganhou força no discurso popular do Azerbaijão, no período da guerra e ainda hoje se faz sentir. A descida da região numa espiral de anarquia – em vez da democracia ocidental prometida – levou a que muitos vissem a possibilidade de estabelecimento de uma forma temporária de autocracia benevolente, liderada por uma figura paternal, «como um passo necessário para estabelecer

lei e ordem» (p. 146). Esta é, aliás, uma ideia que se tornou popular também na Ásia Central, mas que nos últimos anos foi abandonada, dando lugar a regimes autoritários, onde as pretensões de serem vistos como democracias são bastante limitadas (com a honrosa exceção do Quirguistão, hoje uma república parlamentar, a única na região).

Eight Pieces of Empire é um livro bem informado sobre a realidade pós-soviética, escrito por alguém que viveu de perto estes últimos vinte anos e que continua a fazê-lo. Estas perspectivas são particularmente relevantes para nos ajudar a completar o puzzle da fragmentação do espaço soviético, mas são destorcidas pela própria

experiência emotiva do narrador. O livro deve ser lido a partir desse pressuposto. Por outro lado, ao ser escrito a partir de uma série de experiências no terreno, na sua maioria a acompanhar os conflitos que deflagraram na região, há outros aspetos da realidade pós-soviética que não são incluídos. O livro faz contudo um esforço bem conseguido para ser mais do que uma crónica de guerra. Abre a porta aos processos políticos das revoluções coloridas (centrando a sua análise no caso da Geórgia e na saída de cena de Shevardnadze), à existência difícil dos muitos povos que compõem o império (os pastores de renas na ilha de Sakhalin) ou aos desafios da vida em Chernobil. **RI**

NOTAS

¹ Committe to Protect Journalists. [Consultado em: 14 de fevereiro de 2012]. Disponível em: <http://cpj.org/killed/1995/in-combat.php>.